Psicodrama, Giro Decolonial e Deslocamentos Contracoloniais

Daniela de Figueiredo Ribeiro[1]

RESUMO

Esta proposta de aula vivencial examina o Psicodrama em diálogo com perspectivas decoloniais, compreendendo-o como tecnologia relacional capaz de produzir deslocamentos contracoloniais nos âmbitos subjetivo, grupal e institucional. Parte-se da compreensão da colonialidade como racionalidade estruturante que hierarquiza saberes, corpos e modos de existência, produzindo epistemicídios e processos de apagamento. Em interlocução com perspectivas decoloniais, especialmente no que se refere à noção de território como categoria ontológica e relacional, sustenta-se que o Psicodrama, ao mobilizar a realidade suplementar e fundamentar-se na matriz do Encontro, pode favorecer deslocamentos contracoloniais micropolíticos nos modos de relação, reconhecimento e produção do conhecimento. A aula articula fundamentação teórica e experiência psicodramática em três momentos: aquecimento, dramatização e integração reflexiva. Inicialmente, propõe-se uma cartografia dos territórios profissionais e afetivos dos participantes, evidenciando experiências de pertencimento, silenciamento e deslocamento. Em seguida, desenvolvem-se cenas na realidade suplementar que explorem cristalizações de papéis e hierarquias institucionais, experimentando intervenções capazes de revelar estruturas de captura colonial e suas possíveis reinvenções. No terceiro momento, articulam-se as experiências vividas aos conceitos de Encontro, espontaneidade-criatividade, sociometria e realidade suplementar, explicitando suas confluências com as perspectivas decoloniais e contracoloniais. Será proposta uma reflexão sobre o modo como o Psicodrama pode operar como prática de fissura micropolítica, capaz de tensionar naturalizações hierárquicas e ampliar a legitimidade de saberes corporais, imaginativos e coletivos. A proposta busca contribuir para o campo psicodramático ao aprofundar o diálogo entre teoria moreniana e giro decolonial, oferecendo dispositivos para a experimentação de territórios relacionais plurais, cooperativos e eticamente comprometidos com a vida.

Palavras-chave: Psicodrama. Decolonialidade. Contracolonialidade. Território relacional. Epistemicídio.

1 INTRODUÇÃO

A persistência da colonialidade como racionalidade estruturante das relações sociais, epistêmicas e institucionais convoca o Psicodrama a revisitar seus fundamentos à luz do giro decolonial. Conforme Quijano (2005) e Mignolo (2020), a colonialidade constitui matriz de poder que organiza modos de conhecer, governar e existir.

O giro decolonial designa movimento crítico que desloca a centralidade da racionalidade moderna eurocêntrica e reconhece múltiplas formas de conhecimento e organização da vida

[1] Psicóloga pela USP; Doutora em Psicologia pela USP, Psicodramatista didata supervisora, Diretora da Casa do Encontro, Docente no Centro Universitário Municipal de Franca – UniFACEF, danifiribeiro@yahoo.com.br

social, afirmando um horizonte pluriepistêmico. Nesse processo, torna-se central a crítica aos processos históricos de apagamento de saberes, que Santos (2019) denomina epistemicídio.

Nos últimos anos, autores do campo psicodramático têm aproximado a teoria moreniana dessas discussões, indicando que o método psicodramático pode contribuir para processos críticos à colonialidade. Albernaz, Azevedo e Faé (2021) propõem o psicodrama como dispositivo pedagógico capaz de favorecer práticas de pedagogia decolonial. Ribeiro (2023) argumenta que a prática e a pesquisa psicodramáticas podem responder a processos de epistemicídio ao legitimar o corpo em ação e a produção relacional do conhecimento. Sobral e Bruhn (2025) ampliam esse debate ao situar o psicodrama como expressão de uma inteligência ancestral articulada à epistemologia da encruzilhada.

Santos (2023) enfatiza a necessidade de avançar a discussão para o plano das práticas sociais concretas, afirmando a perspectiva contracolonial, entendida como processos de criação de mundos possíveis e reinvenção das relações sociais.

Nessa perspectiva, território ultrapassa sua dimensão geográfica, assumindo caráter ontológico, relacional e epistêmico, constituindo um campo de produção de sentidos, pertencimento e organização da vida coletiva (ESCOBAR, 2016).

Importa ressaltar, contudo, que Jacob Levy Moreno não se autodenominou autor decolonial ou contracolonial. Sua obra foi formulada décadas antes da consolidação desses debates. A aproximação aqui proposta não pretende realizar uma leitura anacrônica da teoria moreniana, mas evidenciar convergências entre seus pressupostos e críticas contemporâneas à racionalidade moderna. A centralidade do encontro, da matriz relacional da identidade e da experiência como fonte de conhecimento aproxima o psicodrama de críticas atuais ao universalismo epistemológico moderno.

Nesse sentido, sustenta-se a hipótese que orienta esta proposta de aula: o Psicodrama, ao mobilizar a realidade suplementar e fundamentar-se na matriz relacional do Encontro, pode constituir uma tecnologia relacional capaz de produzir deslocamentos contracoloniais nos modos de relação, saber e organização coletiva.

O Psicodrama, conforme concebido por Moreno (2006), tensiona pressupostos centrais da epistemologia moderna ao reconhecer o ser humano como constituído em matriz relacional e ao legitimar o corpo, a imaginação e a experiência como dimensões constitutivas do conhecimento. Assim, partindo de sua ontologia relacional e dos conceitos espontaneidade, criatividade e realidade suplementar, será proposta uma reflexão sobre o Psicodrama como dispositivo para experimentação de outras configurações relacionais.

O objetivo geral da aula, portanto, é analisar e vivenciar o Psicodrama como dispositivo de produção de territórios relacionais e de deslocamentos contracoloniais nos âmbitos subjetivo, grupal e institucional. Como objetivos específicos, buscar-se-á:

•Compreender a noção de território na perspectiva decolonial.
•Articular conceitos morenianos a processos de reinvenção de territórios relacionais.
•Experimentar dispositivos psicodramáticos como ferramentas de deslocamento contracolonial.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. Proposta da Aula

A aula articula exposição teórica e experiência psicodramática em torno da questão: em que medida práticas psicodramáticas produzem deslocamentos contracoloniais nos modos de relação, saber e organização coletiva?

Inicialmente, apresenta-se brevemente a noção de território como eixo conceitual da experiência proposta. Em seguida, por meio de dispositivos psicodramáticos, exploram-se situações que evidenciam cristalizações de papéis, silenciamentos institucionais e hierarquias naturalizadas. A realidade suplementar é mobilizada como campo de experimentação de outras configurações relacionais. A sociometria é utilizada como ferramenta de cartografia afetiva e institucional, tornando visíveis centralidades, margens e zonas de silêncio nos grupos.

No plano subjetivo, investiga-se como experiências frequentemente interpretadas como falhas individuais no interior das instituições modernas podem ser compreendidas como produções históricas e sociais passíveis de reinscrição coletiva.

A proposta enfatiza que o Psicodrama não se apresenta como promessa de superação estrutural da racionalidade colonial, mas produz fissuras micropolíticas que tensionam naturalizações hierárquicas e ampliam possibilidades de reorganização relacional.

2.2 Contribuição Científica

A proposta contribui para o campo psicodramático ao compreender o Psicodrama como tecnologia relacional situada nas disputas contemporâneas sobre colonialidade do saber, do poder e do ser.

Ao articular conceitos morenianos às reflexões do giro decolonial, amplia-se o escopo interpretativo do Psicodrama, inserindo-o em debates críticos sobre epistemologia, território e produção de modos de existência.

A sociometria pode ser reinterpretada como cartografia micropolítica capaz de tornar visíveis hierarquias naturalizadas (MORENO, 2020). A realidade suplementar constitui espaço de experimentação de outras possibilidades de organização relacional. Nesse contexto, a espontaneidade é compreendida como capacidade de responder de forma criativa aos padrões

culturais conservados, possibilitando a reinvenção de papéis e a reconfiguração de territórios (MORENO, 2006).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta explora o potencial do Psicodrama como tecnologia relacional capaz de produzir deslocamentos contracoloniais em contextos atravessados pela colonialidade do saber, do poder e do ser.

Ao aproximar a teoria moreniana das discussões do giro decolonial, argumenta-se que práticas psicodramáticas podem constituir espaços de experimentação nos quais saberes historicamente deslegitimados sejam reinscritos no campo relacional.

O Psicodrama apresenta-se menos como promessa de transformação estrutural e mais como dispositivo micropolítico capaz de abrir fissuras nas naturalizações que sustentam hierarquias epistêmicas e institucionais.

Nesse horizonte, a aula vivencial proposta configura-se como espaço de experimentação coletiva de territórios relacionais plurais, cooperativos e eticamente comprometidos com a vida.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, R.; AZEVEDO, A.; FAÉ, R. Pedagogia decolonial psicodramática. **Revista Brasileira de Psicodrama,** São Paulo, v. 29, n. 3, p. 214-224, set./dez. 2021. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/517. Acesso em: 18 ago. 2025.

ESCOBAR, A. **Sentipensar com la Tierra**: nuevas lecturas sobre desarrolo, territorio y diferencia. Medellin: UNAULA, 2016.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MORENO, J. L. **Psicodrama**: terapia de ação e princípios da prática. Em colaboração com Zerka T. Moreno. Tradução de José de Souza e Mello Werneck; revisão técnica de Mariana Kawazoe. São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2006.

MORENO, J. L. **Sociometria, método experimental e a ciência da sociedade:** abordagem para uma nova orientação política. Tradução de Yvette Betty Datner. 1. ed. São Paulo: FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas. CLACSO, 2005, p. 107-130.

RIBEIRO, D. de F. Decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas pela superação de epistemicídios históricos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 01-12,

2023. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/649 Acesso em: 18 ago. 2025.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

SOBRAL, C.; BRUHN, A. O psicodrama como inteligência ancestral: epistemologia da encruzilhada e descolonização da clínica. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 33, n.1, p. 1-9, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/737. Acesso em: 5 jan. 2026.